



OFICINA DE MÚSICA PARA CRIANÇAS COM DIFICULDADES NA COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO – VALORIZANDO A DIFERENÇA HUMANA

Autores: Stephan Malta Oliveira Prof. Adjunto Neuropsiquiatria Infantil
Universidade Federal Fluminense – UFF stephanmoliveira@gmail.com
Luísa Azevedo Damasceno – doutoranda em psicologia
Universidade Federal Fluminense – UFF uff_luisa@hotmail.com
Nathalie Emmanuelle Hofmann – graduanda em psicologia
Universidade Federal Fluminense – UFF nathahofmann@hotmail.com

RESUMO

O Projeto Tambores, Cordas e Cantos Plurais – TAMBOCCAP – consiste em um Projeto de Extensão. Trata-se de uma Oficina de Música com crianças que apresentam dificuldades na linguagem e na interação social, categorizadas pelo sistema medicalizante vigente como tendo autismo ou transtornos da linguagem. Os principais objetivos são a promoção do bem-estar, da qualidade de vida, o desenvolvimento de potencialidades e, na estreita relação entre clínica e política, o combate ao preconceito e a valorização da diferença humana. Trata-se de uma forma de musicoterapia de improvisação em grupo, fundamentada na fenomenologia merleau-pontyana, no modelo social da deficiência e no paradigma da neurodiversidade, que concebe o autismo e os problemas da linguagem como frutos da variabilidade natural do funcionamento neuronal. As noções de musicalidade comunicativa - presença de elementos musicais na comunicação humana – e de corpo-próprio, de Merleau-Ponty, são norteadoras do trabalho. Desta forma, valoriza-se a experiência corporal, pré-reflexiva; o corpo-sujeito atravessado por afetos, fluxos, ritmos e intensidades. Adota-se também uma visão crítica acerca das noções de medicalização e normalização. A técnica consiste na interação musical, por meio do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais entre todos os participantes do Projeto. Os técnicos fazem um trabalho de mediação, no sentido de facilitarem a interação entre as crianças bem como a expressão musical das mesmas. A avaliação é feita a partir dos relatos dos responsáveis, da observação das crianças e das discussões nas reuniões entre os técnicos. Os resultados preliminares obtidos têm sido não apenas a facilitação da socialização e da comunicação - sem uma tentativa de enquadramento às normas sociais vigentes - mas também a construção de uma prática de produção de vida, de sentido, de combate ao ideal normalizador e às suas consequências estigmatizantes, de uma prática de celebração da singularidade e diversidade humana.



Palavras-chave: oficina de música, improvisação, consciência corporal, neurodiversidade, medicalização/normalização.

Introdução

O presente trabalho consiste em um Projeto de Extensão realizado na Universidade Federal Fluminense – UFF. Ele compreende uma Oficina de Música voltada para crianças que apresentam dificuldades na interação social e na comunicação. Os referenciais adotados são a fenomenologia, o modelo social da deficiência e o paradigma da neurodiversidade, fundamentando a musicoterapia de improvisação. Utiliza-se como conceitos norteadores a noção de corpo-próprio, de Merleau-Ponty, e a noção de musicalidade comunicativa, segundo a qual elementos presentes na música se fazem também presentes na comunicação humana, como o *timing*, a ritmicidade, a intensidade, tonalidade e a pausa. Tais conceitos dialogam com as noções de medicalização e normalização.

O trabalho com a música, seja através da musicoterapia individual ou em grupo, como é o caso da Oficina de Música, vem sendo reconhecido há algum tempo como uma abordagem terapêutica extremamente efetiva no campo da Saúde Mental.

A ideia de "cantos plurais" diz respeito à valorização das múltiplas formas de existência e comportamento humano, sem valorizar algumas formas de existência em detrimento às demais, ou seja, sem estabelecer hierarquias entre seres humanos, como o faz o "ideal normalizador" que, ao separar "os normais" dos "anormais", segrega, exclui e reforça violências. O ideal da normalização se vincula fortemente aos processos de medicalização e psiquiatrização da vida, do sofrimento cotidiano e da diferença humana. Medicalização, segundo Conrad (1992), significa o processo pelo qual questões não médicas, como problemas legais, econômicos, educacionais, sociais, são apropriados pela medicina (Oliveira, 2012). Isto tem resultado na psiquiatria, além do excesso de "diagnósticos e categorizações", em um uso indiscriminado de psicofármacos que, muitas vezes, produzem mais danos que benefícios. A expansão da medicalização/psiquiatrização da vida deve ser pensada não apenas em função do papel da indústria farmacêutica, mas também pela



necessidade de ratificação da psiquiatria enquanto uma especialidade (bio) médica e ainda pelas fortes demandas de uma sociedade consumista, por soluções imediatas e "mágicas".

Vale dizer que não se está assumindo, de forma alguma, uma postura contrária ao uso criterioso e ético dos medicamentos. O que o trabalho desenvolvido pelo Projeto põe em foco é o uso indiscriminado dos (psico) fármacos, sobretudo na infância, ou seja, a farmacologização - atrelada à medicalização - da infância. Propõe-se ainda uma crítica às abordagens reducionistas e biologicistas em Saúde Mental, que se restringem a uma resposta farmacológica.

Neste sentido, um importante ponto a se considerar é o fato de o Projeto oferecer uma abordagem terapêutica não farmacológica para crianças, podendo ser complementar ou mesmo substitutivo da psicofarmacoterapia, contribuindo desta maneira, para a redução do uso indiscriminado de psicotrópicos na infância. Além disso, ao conceber a variabilidade natural das múltiplas formas de existência humana, objetiva-se contribuir para processos de desmedicalização bem como para o reconhecimento e valorização da diferença, singularidade e diversidade humana.

Objetivos Gerais da Oficina

Os objetivos gerais consistem em: facilitar o engajamento afetivo entre as crianças e entre estas e os demais técnicos; promover o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida dos participantes bem como o desenvolvimento da consciência corporal, intuitiva e não-reflexiva de si; busca-se ainda promover o *healing*, ou seja, transformações da experiência emocional, além de práticas de produção de vida e sentido, de tolerância, respeito, combate ao preconceito e ideal normalizador bem como a valorização da diferença e diversidade, compreendendo os sujeitos participantes mais em termos das múltiplas possibilidades de existência que propriamente em termos de doença/patologia, sem deixar de reconhecer o *pathos*, em seu aspecto etimológico, que remete ao sofrimento psíquico e não se reduz à noção de doença, como o legítimo objeto da psiquiatria/saúde mental.

Objetivos específicos



Tais objetivos consistem em facilitar o desenvolvimento da comunicação não-verbal, do jogo simbólico e da comunicação verbal bem como a interação social das crianças. Nota-se o emprego do termo "facilitar", uma vez que não há uma "pressão" no sentido de que as crianças "têm" que desenvolver tais habilidades, apenas que há uma facilitação nesta direção. Além disto, não se busca um enquadramento de tais comportamentos aos padrões médios normativos vigentes, nem mesmo uma comparação entre crianças; o desenvolvimento é comparado apenas com relação à própria criança, entendendo-se que todos os demais contextos e intervenções também têm o potencial de contribuir para o processo de desenvolvimento das mesmas.

Metodologia

O Projeto de Extensão "Tambores, Cordas e Cantos Plurais - TAMBOCCAP - busca, em sua metodologia, levar para o campo da Saúde Mental um trabalho clínico diferenciado, considerando na Oficina a qualidade das mediações estabelecidas entre a criança e seus interlocutores. O Projeto está vinculado a vários cursos e a outros projetos de pesquisa, extensão e monitoria da Universidade. Isto possibilita a construção de uma prática interdisciplinar no serviço, além da abertura de diálogos com pesquisadores e profissionais das áreas da educação, saúde e social.

Um dos meios de se avaliar continuamente a efetividade do Projeto é por meio dos relatos de quem encaminhou o paciente, de seus familiares, dos próprios técnicos e da observação do paciente. Os casos e o próprio funcionamento da Oficina são discutidos após a realização da atividade em uma reunião envolvendo toda a equipe técnica.

Descreveremos, ainda nesta seção, o Método e os referenciais teóricos que fundamentam a Oficina de Música.

Método

Participantes:

A Oficina de Música destina-se a crianças com até 10 anos de idade, com dificuldades na interação social e na comunicação. É composta por 6 crianças,



sendo 5 delas preenchendo os critérios diagnósticos para Transtorno do Espectro Autista e 1 criança preenchendo critérios diagnósticos para Transtorno da Linguagem. Além do coordenador do Projeto, participam como técnicos estagiários de psicologia, medicina, monitores, profissionais da saúde ou educação. Os familiares também participam ocasionalmente da atividade, de acordo com as demandas e particularidades dos pacientes.

Procedimento:

A Oficina de Música consiste em uma musicoterapia de improvisação, baseada na técnica da interação musical, segundo a qual crianças se expressam entre si e juntamente com os demais técnicos, através do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais. Os instrumentos musicais utilizados são instrumentos de corda (violão, cavaquinho), percussão, sopro, além de reco-reco, chocalhos, dentre outros.

Fundamentação teórica:

Os referenciais teóricos que fundamentam a Oficina de Música – uma forma de musicoterapia de improvisação em grupo - são a fenomenologia, o modelo social da deficiência e o paradigma da neurodiversidade. Os conceitos de musicalidade comunicativa e corpo-próprio são norteadores do trabalho e dialogam com conceitos abordados em perspectivas críticas, sobretudo no campo das ciências sociais, como as noções de medicalização e normalização.

Musicoterapia de improvisação

Um elemento de grande importância, que se encontra presente nas trocas afetivo-comunicativas primárias é a chamada musicalidade comunicativa. Este termo foi cunhado por Stephen Malloch (MALLOCH; TREVARTHEN, 2009) e é definido como a capacidade humana inata para a produção e apreciação musical. Tal noção se fundamenta na similaridade entre os elementos presentes nas interações humanas e na música, como os elementos de ritmo, tempo, intensidade, tonalidade e mesmo o silêncio.



Este fenômeno confere significados afetivos às trocas interativas humanas e possibilita conseqüentemente a emergência dos significados semânticos. Portanto, é a partir do engajamento afetivo (GREENSPAN; WIEDER, 2006) e dos ritmos, pulsos temporais, intensidades e tonalidades presentes nos processos interativos e intersubjetivos (STERN, 2010) que se desenvolve um senso de abstração, fundamental para a apreensão dos significados dos termos e das deixas sociais, do que está implícito nas sentenças, apreendendo a rede de significados presente no jogo conversacional. De acordo com Malloch e Trevarthen (2009), "a musicalidade comunicativa inata é que confere vida às infinitas formas de comunicação, incluindo a linguagem escrita e falada" (p. 9). É ela que faz com que haja uma adequada intersincronia entre cuidador e criança.

Além do conceito de musicalidade comunicativa, outro conceito-chave norteador do trabalho é a noção de corpo-próprio, da fenomenologia de Merleau-Ponty. Corpo-próprio para Merleau-Ponty (1999) é sujeito e objeto ao mesmo tempo; o corpo que afeta e é afetado, que toca e é tocado. É o corpo-sujeito, situado em contexto, em sua ação no mundo, que é antes de tudo pré-objetiva e pré-reflexiva, marcado pela historicidade, centro da experiência vivida. Com esta noção, o filósofo francês concebe a dimensão corporal humana para além do corpo objeto das ciências tradicionais, positivistas, superando a dicotomia mente-corpo e sujeito-mundo. Portanto, ao se articular os dois conceitos, de musicalidade comunicativa e corpo-próprio, enfatiza-se na Oficina de Música a dimensão corporal e sensível da experiência, que carrega consigo significados afetivos, que emergem a partir das relações estabelecidas – da intercorporeidade – possibilitando a emergência dos significados linguísticos; enfatiza-se também o desenvolvimento da consciência perceptual, não-reflexiva e intuitiva, relacionada, em geral, a estados imaginativos e de bem-estar. Trata-se de uma prática compatível com aquelas que enfatizam a cognição corporificada (*embodied cognition*) nas terapias corporais (RÖRICH et al, 2014; LEITAN e CHAFFEY, 2014).

O modelo social da deficiência e o paradigma da Neurodiversidade



Os Movimentos da Deficiência surgem na Inglaterra e nos Estados Unidos, inspirados nos Movimentos Negro, Gay e Feminista. Eles operam com o lema "nada sobre nós sem nós", mostrando o protagonismo assumido pelas pessoas com deficiência na formulação dos constructos epistêmicos acerca de sua própria condição. Há uma estreita relação nos contextos de língua inglesa entre os Movimentos da Deficiência e os Estudos da Deficiência – braço intelectual daquele - que deram origem ao chamado modelo social da deficiência.

Segundo este modelo, a deficiência é vista como diferença e não como patologia, sendo resultado da opressão social, que oprime o corpo-sujeito, que apresenta uma lesão ou uma suposta disfunção, em sua relação com o corpo social. O modelo social se contrapõe ao modelo médico do déficit e da tragédia. Há uma intrínseca relação entre o modelo biomédico da doença, a expansão dos processos de medicalização da vida, o ideal normalizador - que surge na Modernidade, quando a construção do anormal passa invariavelmente pela construção do normal enquanto média (FOUCAULT, 2003; DAVIS, 2006) - e a produção de discursos opressores, que separam os seres humanos entre normais e anormais, segregando, excluindo e marginalizando os últimos. Tais discursos opressores podem ser evidenciados nos inúmeros termos pejorativos empregados às pessoas com deficiência, incluindo os autistas, como "inválido, incapaz" – vinculados a um tipo ideal produtivo – "especial, retardado".

O Movimento - e o paradigma - da Neurodiversidade, por sua vez, surge a partir dos Movimentos da Deficiência. O termo neurodiversidade foi cunhado por Judy Singer em 1999, socióloga australiana que apresenta Síndrome de Asperger. A expressão se refere a uma conexão neurológica atípica (*atypical neurological wiring*), que se deve à variabilidade natural do genoma humano e é compreendida como uma diferença e não como doença (ORTEGA, 2008). Trata-se de um movimento criado, sobretudo, por autistas de alto-funcionamento. Atualmente, entretanto, diversos autistas não-verbais, que conseguem se expressar através da escrita, também têm aderido à Neurodiversidade, como é o caso de Ido Kedar e Amy Sequenzia. O que os ativistas da neurodiversidade defendem é a acomodação



social, ou seja, uma modificação e reorganização das normas sociais vigentes, de modo a se eliminar preconceitos, estigmas e violências contra grupos socialmente oprimidos, além de práticas que melhorem a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Compreende-se, seguindo a visão de Judith Butler (1993), que o sujeito é produzido e, ao mesmo tempo, possibilitado pelas normas vigentes que, em seus cortes, possibilitam que os sujeitos-agentes rearticulem estas mesmas normas, subvertendo-as. Há uma relação entre a singularidade e as (bio) identidades, na qual a primeira não se reduz à última. A ideia de cura, segundo os ativistas da deficiência e da neurodiversidade, transmite uma mensagem subliminar de que aquelas formas de vida a serem curadas são inferiores, inválidas (têm menos valor), visão própria de um ideário eugenista e de uma cultura capacitista, na qual algumas pessoas são consideradas melhores que outras em virtude de determinadas capacidades/características físicas ou mentais. Nota-se que isto se aplica nos casos onde a "cura" não é algo concreto, palpável, e diz respeito a comportamentos intrinsecamente relacionados à própria identidade do sujeito.

Resultados (preliminares)/Discussão

O presente artigo procurou enfatizar a importância em se pensar uma prática em Saúde Mental que interrogue a valorização de algumas formas de existência em detrimento às demais, problematizando o "ideal normalizador", o qual - ao separar os "normais" dos "anormais" - segrega e reforça diferentes tipos de violência, próprias de um ideário eugenista. Trabalhamos com a ideia de que todas as formas de existência são normas possíveis de vidas humanas.

Por se tratar de uma prática interdisciplinar, observa-se que este Projeto vem possibilitando um espaço de trocas de experiências entre alunos e profissionais, constituindo-se como uma ação extensionista de caráter dialógico interdisciplinar - integrado horizontal (diferentes cursos e áreas) e verticalmente (alunos da graduação e profissionais).

Com relação às crianças, tem-se verificado, a partir dos relatos dos profissionais que as encaminharam, dos responsáveis e da própria observação dos técnicos participantes da Oficina de Música, que os pacientes, de um modo geral,



acabam desenvolvendo uma transferência afetiva positiva com os profissionais e o espaço de tratamento. Além disto, a maioria delas tem apresentado um ganho qualitativo na interação com os demais participantes, sobretudo com os técnicos, havendo um aumento na frequência e na duração de alguns comportamentos comunicativos não-verbais, como o contato visual e o sorriso responsivo, indo ao encontro de achados como aqueles dos estudos de Kim, Wigram e Gold (2008) acerca da eficácia da musicoterapia de improvisação no autismo. As crianças, com o decorrer do Projeto, têm se mostrado mais autônomas, no sentido de explorarem mais o ambiente e participarem mais ativamente da Oficina sem a presença dos responsáveis. Em muitas situações, nota-se a transformação experiencial dos pacientes, de afetos negativos em afetos positivos. Muitas vezes uma criança entra chorando na Oficina, vai se acalmando e se soltando ao longo da atividade e, ao final, resiste em ir embora. Alguns dos relatos dos responsáveis ilustram estes achados: "meu filho não queria vir, estava chorando, mas depois que vem, não quer mais ir embora"; "meu filho pede para eu tocar uma guitarrinha em casa e fica rodopiando, como na Oficina". Sobre o olhar da sociedade, uma das mães diz: "não tem nada de especial no jeito em que somos tratados, as próprias crianças neurotípicas olham para o meu filho e para mim com preconceito, assustadas (...) e ainda o acham inconveniente. (...) Posso descrever com detalhes algumas humilhações sofridas por nós dois". Segue outro relato acerca do Projeto, feito por uma estagiária: "as manhãs de segunda já não são as mesmas para mim (...) o encontro com as crianças me faz compreender ainda mais como se dá esse ideal normalizador na sociedade e nas escolas (...) Mas é no espaço da oficina que percebo como valorizamos e devemos valorizar essas múltiplas formas de existência, de ser e de compreender o mundo (...) Na Oficina, não oprimimos ou impedimos as crianças de se expressarem do jeito que quiserem".

Tendo em vista seu público-alvo, observa-se que o trabalho realizado tem sido um importante mediador entre famílias, comunidades e instituições escolares e de saúde, cumprindo seu compromisso ético-social, ao buscar gradativamente uma desconstrução de todo o "olhar" medicalizante/normalizador, que permeia de modo



geral, o senso comum, oferecendo uma visão crítica e sob uma outra perspectiva. Busca-se, de tal maneira, contribuir para uma rearticulação das normas sociais hegemônicas, como proposto por Butler (1993). Além disto, o Projeto articula-se com a publicação de artigos, realização de eventos acadêmicos e a criação de associações de pacientes, familiares e profissionais e movimentos sociais, tendo originado o Movimento Sujeitos Plurais (que valoriza as múltiplas formas de existência e defende os direitos das pessoas com deficiência e/ou sofrimento mental).

Conclusão

Considera-se que a metodologia utilizada nesta ação extensionista atende aos objetivos planejados, caracterizando-se como uma prática efetiva de intervenção no campo da Saúde Mental Infantil, produtora de bem-estar, de vida e sentido. Conclui-se que é preciso a realização de mais práticas como esta no campo da Saúde/Saúde Mental que, por um lado, combatam práticas biologizantes e discursos reducionistas, vinculados à medicalização da vida e ao ideal normalizador e, por outro, ofereçam uma compreensão do ser humano em sua integralidade, valorizando as múltiplas formas de existência e comportamento humano, seja nas práticas avaliativas, seja nas práticas terapêuticas.

Referências Bibliográficas

- BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- CONRAD, P. Medicalization and Social Control. *Annual Review of Sociology*, 18, p. 209-232, 1992.
- DAVIS, L. Constructing normalcy: the Bell curve, the novel and the invention of the disabled body in the Nineteenth century. In: DAVIS, L. (ed.) *The Disability Studies Reader*. 2nd. Edition. Routledge, p.3-16, 2006.
- FOUCAULT, M. *Abnormal*. Lectures at the Collège de France 1974-1975. Verso, 2003.
- GREENSPAN, S.; WIEDER, S. *Engaging Autism – Using the Floortime Approach to Help Children Relate, Communicate and Think*. Da Capo Press, 2006.



KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. The Effects of Improvisational Music Therapy on Joint Attention Behaviors in Autistic Children: A Randomized Controlled Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 38, n.9, p.1758-1766, 2008.

LEITAN, N.D; CHAFFEY, L. Embodied cognition and its applications: a brief review. *Sensoria. A Journal of Mind, Brain and Culture*, v. 10, n. 1, p. 3-10, 2014.

MALLOCH S.; TREVARTHEN, C. Musicality: Communicating the vitality and interests of life. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C (Eds.). *Communicative Musicality: exploring basis of human companionship*. Oxford University Press, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1999..

OLIVEIRA, S.M. Os alcances e limites da medicalização do risco para a psicose: a emergência de uma nova categoria? *Physis*, v. 22, n. 1, p. 291-309, 2012.

ORTEGA, F. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v.14, n.2, 2008.

RÖHRICHT, F.; GALLAGHER, S.;GEUTER, U.; HUTTO, D.D. Embodied Cognition and body psychotherapy: the construction of new therapeutic environments. *Sensoria. A Journal of Mind, Brain and Culture*, v. 10, n. 1, p. 11-20, 2014.

STERN, D. *Forms of Vitality*. Exploring Dynamic experience in psychology, arts, psychotherapy, and development. Oxford: Oxford University Press, 2010, 174p.